

**A CIVILIZAÇÃO DO DEUS MOMO:
CARNAVAL E MODERNIZAÇÃO NA CIDADE DE NATAL (1890-1929)**

*Márcia Maria Fonseca Marinho**

RESUMO

No início do século XX a cidade de Natal passou por uma série de intervenções urbanísticas coordenadas pela administração pública, sob apoio das elites locais. Esse período de transições foi marcado por tensões entre antigas tradições e as novas práticas sociais, estimuladas pelos grupos interessados na modernização da cidade. Dessa forma, uma mobilização de parte da população em prol da chamada 'civildade', vai se mostrar em alguns momentos desfavorável às manifestações populares. As festas de rua, especialmente o popular carnaval, são vitrines privilegiadas para a observação das transformações dos hábitos, dos choques culturais e das ansiedades de parte das elites locais em tornar Natal uma cidade moderna e civilizada.

Palavras-chave:

Carnaval – elites – cidade - Natal

ABSTRACT

At the beginning of the 20th century Natal went through a sequence of urban interventions coordinated by the public administration, and supported by the local elites. This period of transitions was marked by tensions between old traditions and new social conducts, stimulated by the groups interested in modernizing the city. That way, the citizens' mobilization to support what they called *civilizing*, revealed, some times, unfavorable to the popular manifestations. The street celebrations, particularly the popular carnival are privileged windows where we can observe the changing of the habits, the cultural shocks and the local elites' anxieties to make Natal become a modern and civilized city.

Keywords:

Carnival- Elites- City - Natal

As noites de carnaval de 1929 foram especiais para alguns natalenses. Pela primeira vez o recém inaugurado Aero-Club sediava uma festa carnavalesca. E que

* Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

feira! A começar pela entrada do clube que se encontrava toda ornamentada, com painéis pintados pelo já consagrado artista potiguar Erasmo Xavier. A antiga porta de entrada dava lugar a um ornamentado portal representando a Caverna de Mefistófeles¹. As presas desse demônio davam passagem para o mais recente, e, já favorito, salão da elite natalense. Como nos atesta a revista potiguar *Cigarra*, o Aero-Club, por três noites, “transformou-se em caverna de diabinhos inofensivos”.(CIGARRA,1929, p.27) Dentre os inofensivos “diabinhos” de Mefistófeles encontravam-se importantes figuras da sociedade local, como por exemplo o governador Juvenal Lamartine, que aparece em uma fotografia publicada pela revista *Cigarra*, acompanhado de uma dezena de senhoras e cavalheiros fantasiados, provavelmente sócios do clube.

O redator da revista parece satisfeito ao comentar que o carnaval natalense já não era o mesmo. Na sua opinião “o carnaval vai se tornando cada vez mais civilizado e mais sedutor. Este ano o Carnaval no Aero Club foi de uma beleza ainda não conhecida em nossa terra”.(CIGARRA,1929, p.27) Os festejos carnavalescos do Aero-Club atendem prontamente aos anseios de uma elite local que buscava implantar na cidade de Natal um ideal de cidade moderna e civilizada. Desse modo, todas as formas de sociabilidade públicas, inclusive as festas, exerceram, para a elite que buscava forjar um modelo de cidade à la Paris em Natal, um papel central. Afinal pouco adiantaria dotar a cidade de largas avenidas e equipamentos modernos, se a sua população continuasse arraigada aos antigos hábitos que eram vistos por Henrique Castriciano, um entusiasta do progresso, como perniciosos, levando à formação de uma geração “de seres doentios, adoráveis de bondade e virtude, mas debeis, de uma fragilidade de crystal, incapazes de longa vida e de dar à pátria filhos aptos para o trabalho fatigante dos tempos modernos”. (CASTRICIANO, 1993) Natal deveria estar preparada para os novos tempos, e para tanto era preciso educar os sentidos da população, ensinando-os a se relacionar de uma maneira diferente com o espaço público, dotando-os dos chamados hábitos civilizados.

As formas de sociabilidade, em especial os festejos carnavalescos, foram aqui observados, na tentativa de perceber como, sutilmente, se deram algumas das transformações de hábitos urbanos dos natalenses. Uma festa de forte caráter popular

¹ Em *Fausto* de Goethe, Mefistófeles é a representação humanizada do diabo.

como essa esconde tensões e ansiedades de uma sociedade em transição. Incrustada numa cidade que começava a habituar-se a alguns ritmos da modernidade, como a vida social mais ativa, os ruídos causados pelos motores dos hidroaviões e dos apitos dos trens e navios a vapor, mas que ao mesmo tempo ainda respirava de modo lento, quase preguiçoso, característica de épocas anteriores. (ARRAIS, 2008)

O carnaval, portanto, é um ótimo exemplo de como as vontades de um grupo social, ganham visibilidade também em momentos de lazer da população. Assim os espaços de sociabilidade que abrigavam essa festa como os clubes e cafés e a própria rua, a exemplo da Tavares de Lyra, passarela onde desfilaram os préstitos e cursos, não foram nesse trabalho entendidos como simples ponto de encontro de um grupo social, mas como a materialização de um desejo da elite local de modernizar Natal.

ADEUS ENTRUDO

No início do século, a elite natalense utilizou certas estratégias e realizou melhoramentos urbanos da cidade. Novas práticas e novas regras de conduta foram impostas à população, alterando de certa maneira a rotina dos natalenses. As elites locais tomaram uma série de modelos de civilidade em vigor nas principais capitais mundiais, adotando-os como parâmetro das posturas julgados próprios de uma sociedade civilizada. Portanto, o que estivesse fora desses padrões, na opinião desses indivíduos, deveria ser banido das vias públicas, por se tratarem de hábitos impróprios, ou incoerentes, com o modelo de cidade que se buscava construir em Natal.

No que diz respeito à cultura do povo, esses modelos são ambíguos em muitos pontos. As festas de carnaval são reveladoras no que diz respeito a essa ambigüidade predominante no discurso das elites, no final do século XIX. É justamente nesse período que a festa de carnaval vive o impasse de uma transformação: a mudança da brincadeira do entrudo para o carnaval moderno.

Para que se mantivesse a nova ordem urbana, desejada pela elite vigente, foi necessário o uso do poder do governo e dos seus aparelhos de Estado, como a polícia, além de investimentos financeiros. A polícia seria um agente chave nesse processo,

sua função nesse caso era a de coibir os atos considerados inadequados ao espaço público, ao mesmo tempo em que regulamentava e ordenava os festejos de rua.

Poucos são os indícios deixados para nós sobre a participação popular na vida pública da cidade. Raramente a imprensa dava margem às vozes dos grupos mais populares, salvo pelas colunas policiais ou por vagos comentários perdidos em meio a crônicas diversas, não temos muitas notícias da participação dos grupos menos favorecidos nos festejos e no cotidiano da cidade, apesar de sabermos sua existência e acreditarmos em sua participação ativa. Desse modo, pouco conhecemos sobre as suas opiniões e resistências às novas normas estabelecidas pelas elites aos usos dos espaços públicos em Natal, apesar de alguns poucos indícios encontrados nos jornais nos possibilitarem suspeitar que a imposição de novas regras de usos do espaço urbano não foram aceitas e/ou compreendidas por todos. Houve discordância entre as próprias elites locais, que por não se tratarem de um grupo homogêneo, nutriam diferentes idéias sobre certos costumes, como o entrudo. Essas divergências de opinião demonstram que existiam múltiplas leituras sobre a cidade. Dessa forma, enquanto para uns o entrudo representava um festejo “extemporaneo e imoral [...] que, para honra nossa, deve desaparecer” (A REPUBLICA, 1899), era tido por outros como uma brincadeira inocente, que fazia a alegria da cidade nos três dias que antecediavam a quaresma. Como podemos ver na seguinte nota, no curto período de um ano o mesmo jornal exprime opiniões bastante divergentes a respeito dessa festa.

Isto de carnaval em nossa terra é uma hypothese muito duvidosa, porem ainda o entrudo, e os nossos rapazes da typografia, si não se enfarinham - sem conscienciosamente na segunda e terça feira, eram, bem capazes de não acertar os typos nas caixas de composição, de modo que fomos forçados a dar folga ao pessoal das officinas... Nesses dias vai imperar o pó de maisena e a lima de borracha...(A REPUBLICA, 1898).

Como podemos ver na nota, diversas eram as leituras dos redatores sobre as práticas e usos dos espaços públicos nesses dias de festa. Portanto, não podemos entender que novos conceitos e novas regras de conduta fossem compreendidos e assimilados em curto período. Mudanças de hábitos, quebra de tradições, e de costumes são processos lentos, que muitas vezes encontram resistências e

ambigüidades no seio das próprias elites, que nesse caso foram os maiores agentes transformadores das festas de carnaval no início do século XX. Portanto, o que se vê é que por mais que os discursos oficiais, como a imprensa, produzissem normas de conduta, não havia um controle efetivo das ações da população que usava sua criatividade para se apropriar do espaço de uma maneira diferente.(CERTEAU, 1994).

O jornalista d'A *Republica* não foi o único a cair na folia. Por todo o país, os três dias antecedentes ao início da quaresma eram marcados por festa e brincadeiras. As festas de Carnaval e o entrudo foram por muito tempo sinônimos. Somente no final do século XIX, com a criação de organizadas sociedades carnavalescas, as elites cariocas tentam distinguir, na cidade do Rio de Janeiro, o entrudo e o dito carnaval verdadeiro. Com esse objetivo foi lançado um discurso na imprensa que denegria a imagem do entrudo ao mesmo tempo em que enaltecia a do carnaval europeu, segundo os jornalistas cariocas, esse segundo seria o verdadeiro carnaval. Além dos discursos e crônicas lançados pelos letrados, houve a implementação de leis que proibiam diversas brincadeiras tradicionais do entrudo, como atirar limões de cheiro nos passantes. (CUNHA, 2001:25) Mesmo antes da tentativa de proibição legal da festa já havia outro tipo de condenação, de caráter moral. Na cidade do Recife, já nas décadas de 1830 fortes investidas do clero e de parte das elites urbanas tentaram articular a festa do entrudo à imagem do paganismo, implicando num novo sentido ao festejo, que ia de encontro aos valores cristãos defendidos por aquela sociedade. Ao mesmo tempo em que as elites recifenses condenavam os antigos folguedos eles resignificavam o sentido do carnaval, inserindo na festa novos elementos, condizentes com os novos valores buscados pelas elites locais. (ARAÚJO, 1992)

A condenação às práticas populares não se restringia apenas aos dias de carnaval, elas faziam parte de um plano mais abrangente, traçado pelas elites urbanas, e que visava inserir, no país os valores e ritmos 'civilizados'. A violenta postura adotada pelos agentes administrativos contra a cultura popular tinha por fim condenar ao esquecimento os valores, hábitos e costumes que relacionassem a imagem do Rio de Janeiro, e de uma maneira mais abrangente a imagem do Brasil, ao seu passado colonial, escravocrata. Os anseios das elites de transformar o Brasil numa Europa das Américas não eram compartilhados e/ou compreendidos por todos, de forma que

diferentes reações se deram por parte daqueles que viram aos poucos os seus costumes e tradições serem condenados. (VELLOSO, 1988) O embate cultural dava-se cotidianamente, todavia, nas festas de grande apreço popular, como o carnaval, ele se afluava. Em Natal, a imprensa do final do século também começa a atacar as práticas do entrudo em prol do carnaval europeu, provavelmente inspirada pelas mudanças que ocorriam em outros centros urbanos.

Deve-se observar que a mudança das brincadeiras do entrudo para o chamado carnaval moderno não ocorreu de uma hora para outra. O processo foi lento e não ocorreu de forma uniforme. A própria elite progressista demorou a crer que fosse possível substituir os folguedos do entrudo pelas modernas e civilizadas brincadeiras de carnaval, como podemos constatar a partir da opinião do jornalista d'*A Republica* ao afirmar que “isto de carnaval em nossa terra é uma hypothese muito duvidosa”. (A REPUBLICA, 1898)

Apesar da restrição a certas práticas dos festejos do entrudo já ter sido imposta pelo chefe de polícia de 1896, há indícios de que esse tipo de proibição pouco afetava a brincadeira do entrudo, que ocorria normalmente nas ruas da cidade. Em 1904, seis anos passados das primeiras condenações à brincadeira de água e pó, veríamos o chefe de polícia sendo ridicularizado por um dos jornalistas d'*A República* pela constante e inútil proibição dessas brincadeiras: “O dr. Francisco Câmara, juiz de direito de Macau, perdão! Queríamos dizer, muito digno chefe de policia, proibiu, como nos outros annos, o brinquedo precioso do entrudo d’agua e pó, durante o carnaval.”(A REPUBLICA, 1904)

O entrudo e o carnaval se confundiam nas ruas e pouca distinção se fazia das brincadeiras com farinha e limas de borracha, das realizadas com confetes e serpentinas. As antigas tradições populares que mantinham o entrudo vivo eram confundidas, muitas vezes sem se perceber, com as novas formas de festejo importadas da Europa. Prova desta mistura está no fato de se incrementarem aos festejos da água e do pó, novidades importadas à venda nas casas comerciais e armazéns, tais como bisnaga, papel-picado perfumado, confetti, borboletas etc. (A REPUBLICA, 1899) O jornalista José Pinto, que assinava uma seção do jornal *A*

Republica como o nome de Lulu Capeta, fez o seguinte comentário sobre o carnaval de 1899:

O *Deus Momo* desta vez
Esteve ruim, decadente...
Mas, em troca, o entrudo fez
Sucesso e gostos à gente...

Bisnagas da moda,
Bojudas e finas,
Andaram na roda
Molhando as meninas.(A REPUBLICA, 1898)

Aos poucos a idéia da elite foi se moldando à idéia do carnaval veneziano, carnaval moderno e *chic*. Desde então podemos ver nos jornais algumas notas de desprezo em relação às brincadeiras do entrudo, que para o nossa cronista não passam de “sedimentos de selvageria que existem em todas as sociedades, mal polidos e pouco disfarçados pela nossa civilização rudimentar” (A REPUBLICA, 1897) O carnaval e o entrudo na sua antiga organização atacavam a moral familiar, quando nos três dias de festa as ruas eram palco da “exibição immoral de uns sujeitos *melados*, quase nús, a correrem atraz da meninada”. Tendo em vista os prejuízos trazidos pela festa à imagem da cidade e à paz de espírito da família natalense, o mesmo redator apela por uma maior “atenção da policia, que não pode consentir ao decorro publico, nas distrações desses mascarados, que não respondem nem a própria decência”. Mas antes mesmo da repressão policial o jornalista desejava que os próprios foliões refletissem sobre as conseqüências e os prejuízos que os dias de excesso traziam para a sociedade. Desse modo conclui que “antes de pedirmos a atenção da polícia, fazemos um appello ao povo para absterce de tão pernicioso distração”. (A REPUBLICA, 1899).

Os apelos dos jornalistas e a insistência policial pareciam atingir resultados satisfatórios já nos início do século XX. A imagem do carnaval moderno, ano após ano, passava a ser a diversão desejada dos dias gordos, se não por todos, pelo menos pela parcela instruída da população. Em 1902 já podemos ver artigos escritos nos jornais locais aprovando e incentivando a festa. Para o jornalista da *Gazeta do Commercio*, o carnaval deve ter a “feição moderna que se lhe deu – depois da abolição da cuia

d'agua, da lima de borracha e da gomma e com a introdução do *confetti* e da bisnaga.” (GAZETA DO COMERCIO, 1902)

UMA CIDADE EM FESTA, UM CARNAVAL TAMANHO FAMÍLIA

Aos poucos o carnaval se transferia da rua para espaços privados, como os cafés e clubes sociais. Mesmo quando se dava em espaços públicos a diversão não deveria tomar lugar de forma aleatória, desordenada. O carnaval moderno, ao contrário das antigas pândegas de rua, estava inserido em uma outra lógica, na qual a ordem dos espaços públicos fazia parte da festa. Desta forma a iluminação pública, a ornamentação das ruas e a patrulha policial constituem elementos necessários para um bom funcionamento da festa. Somente assim o carnaval deixa de ser uma brincadeira de desordeiros e de jovens rapazes e passa a ser uma diversão que envolve toda a família. Essa mudança, porém, não seria possível sem o contexto de modernização vivido pela cidade nas primeiras décadas do século XX. Pois foi nessa conjuntura de transformação dos hábitos das elites que as mulheres da elite passam a ocupar com mais ênfase os espaços públicos da cidade. A cidade moderna, mais dinâmica e atrativa, estimulava a presença da família nos seus espaços públicos. (ARAÚJO, 1993:332-333) Essa nova apropriação das ruas pelas famílias burguesas de natal pode ser percebida através das festas de carnaval. A começar pela presença feminina nas pândegas promovidas em homenagem ao Deus Momo.

No final do século XIX a participação feminina nas festas carnavalescas era restrita. O espaço de diversão das mulheres não era a rua, ficando protegidas nos ambientes familiares. Ao comentar a vida social das natalenses nos primeiros anos da República, Henrique Castriciano lembra que durante os três dias de festejos carnavalescos as moças da cidade participavam muito timidamente da festa, ficavam “acasteladas nas frentes de suas residências; durante horas, transformadas em reductos invencíveis” (CASTRICIANO,1994) nas batalhas de confetes. Acasteladas em frente às suas casas, essas moças encontravam uma brecha para escapar da rigidez das normas e por um breve momento para tomarem parte, mesmo que debilmente, da

vida pública da cidade. Essa participação, segundo Castriciano, seria breve, pois, logo se passassem os dias de festa, “as nossas gentis patricias voltaram ao tédio da vida sedentária, sem passeios ao ar livre, sem liberdade, em suma”. (CASTRICIANO, 1994)

No adentrar do século XX esse quadro da vida social das mulheres natalenses apresentado por Castriciano vai aos poucos se invertendo. E nos festejos carnavalescos da década de 1910 já percebemos uma participação feminina mais ativa.

As crianças também podiam gozar da festa de carnaval. Foi pensando nos pequenos que a diretoria do Teatro Carlos Gomes organizou uma vespéral infantil no domingo de carnaval de 1927. (A REPUBLICA, 1927) Os filhos dos sócios do Aero-Club também tiveram o privilégio de poder participar de uma matinê infantil à fantasia, no carnaval de 1929 (A REPUBLICA, 1929). Longe dos perigos dos vícios das ruas, as crianças burguesas poderiam usufruir, em segurança, da festa mais popular da cidade, ao mesmo tempo em que eram educadas, apurando os seus gostos aos valores considerados dignos por aquele grupo. Dessa forma, os bailes à fantasia dedicados às crianças íam “preparando-lhes a intelligencia com esta proveitosa lição de coisas, porque amanhã ellas serão os moços e os velhos que continuarão as tradições do "Natal Club"”. (A REPUBLICA, 1918)

A cidade moderna reordenara seus espaços, oferecendo para as famílias a oportunidade de maior usufruto do espaço público. Com a organização pública dos festejos de rua e o aparecimento de matinês e bailes em salões privados, o carnaval parece não mais se constituir numa ameaça à moral pública; a organização dos festejos afastara a desordem, o carnaval civilizado era diversão para toda a família. Ao descrever o carnaval de 1923 o redator do jornal *A Republica* comenta:

A nota mais empolgante do carnaval feriu se incontestavelmente na Avenida Tavares de Lyra, porque ali confraternisaram, na mais perfeita democracia, grandes e pequenos, ricos e pobres, moços e velhos, todos na ancia de gozar deliciosas emoções. [...] A vigilancia das autoridades incubidas do policiamento da cidade foi irreprehensivel, de modo a se não registrar a menor perturbação da ordem. (A REPUBLICA, 1923)

O texto do jornalista transmite aos leitores a impressão de que se vivia nos dias do Momo o ápice da democracia, onde todos teriam a oportunidade de se divertir na rua como iguais, desde que obedecessem aos códigos de postura. A polícia, vigilante, era

tida como imprescindível ao bom funcionamento da festa. Mais uma vez percebemos a importância atribuída aos agentes mantenedores da ordem, elemento essencial aos padrões de civilidade julgados necessários ao modelo de cidade almejado pelas elites locais. Cabia também ao chefe de polícia a aprovação previa dos blocos e bandas que desejassem sair às ruas. Na década de 1920 já estava previsto, no regulamento do departamento de segurança pública do Rio Grande do Norte, a fiscalização “aos veículos que tiverem de tomar parte em préstimos carnavalescos ou outros para a condução pessoal” deixando claro aos motoristas que “não será permitida a circulação sem que sobre eles se proceda a vistoria prevista no art. 153.” (REGULAMENTO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO RN, 1927/A REPUBLICA, 1924) É válido lembrar que esse processo de regularização das práticas em função da manutenção de uma ‘ordem urbana’ não acontecia isoladamente no carnaval e nem estava restrito a cidade de Natal, fazendo parte de um contexto mais amplo de transformações de valores e hábitos urbanos. Em sua tese *Artes de viver a cidade* a historiadora Sylvia Couceiro demonstra como na cidade de Recife, onde a cultura popular tinha forte presença, a política administrativa fez uso da instituição policial como “forma de regulamentar e organizar a vida urbana. Aliados a isso novos códigos e leis sancionaram comportamentos considerados adequados para a convivência nos espaços da cidade, criminalizando práticas populares que faziam parte da tradição e do cotidiano desses grupos”. (COUCEIRO, 2003:234)

Pelo menos no que diz respeito ao papel da polícia na manutenção da ordem pública, o carnaval parece tomar uma forma bem distinta da festa vivida pelos natalenses do *fin-de-siècle*, como nos indica a seguinte nota sobre o carnaval de 1894: “foi divertido carnaval este anno; e felizmente tudo acabou em paz, apesar mesmo da nullidade da policia que não foi ouvida, em levada em conta” (O NORTISTA, 1894).

O CARNAVAL CIVILIZA-SE!

Os locais da cidade que se faziam mais atrativos no carnaval variavam ano após ano. Dentre os locais mais citados pelas notas de jornal temos as Ruas 13 de Maio, dr.

Barata, praça da República, praça Augusto Severo, Frei Miguelinho, Tavares de Lyra, José Bonifácio e Senador Ferreira, no bairro da Ribeira. Na Cidade Alta a festa se concentrava na Rua Vigário Bartholomeu, em frente ao café *Potyguarana*. Nesses pontos principais da festa eram colocadas iluminação e decorações especiais. Muitas vezes a decoração era patrocinada pelos proprietários dos cafés, que ornamentavam a rua no intuito de chamar atenção para os seus estabelecimentos. (A REPUBLICA, 1904) No carnaval de 1925 encontramos o registro de mais um caso de exploração da festa pelos comerciantes locais. Nesse ano, ao percorrerem as ruas em festa, “Os Jandaias” distribuirão reclamos das principais casas comerciais, acompanhados de modinhas genuinamente nossas”. (A REPUBLICA, 21 fev. 1925)

Outras táticas comerciais foram empregadas pelos comerciantes da Cidade Alta e Ribeira, como por exemplo, a utilização das páginas de anúncios dos jornais para informar aos seus clientes dos seus estoques de bisnagas, confetes e lança-perfumes. A propaganda vinculada nessa nova lógica do pronto-consumo de mercadorias industrializadas ao que indica também ganhava espaço nos momentos de lazer da população. (PADILHA, 2001)

A propaganda, aqui, ajuda a incutir novos hábitos na população, criando e difundindo novas necessidades. No caso do carnaval a substituição da farinha pelo confete e das limas de cera pelos lança perfumes dão margem ao consumo de produtos industrializados, alimentando assim o comércio local. O carnaval das fantasias, dos perfumes e dos confetes já comprometia os orçamentos dos natalenses nos primeiros anos do século XX, como podemos perceber no lamento de um redator em 1905: “A bisnaga e o confetti já por ahi garbosamente se ostentam, assustando-nos ás deleitáveis escaramuças de um renhido combate, do qual fatalmente sahirão feridos os nossos bolsinhos...” (A REPUBLICA, 1905). Os gastos com a festa continuam com o adentrar do século XX, de acordo com os levantamentos do cronista natalense João Eça no carnaval de 1923:

só de lança-perfumes gastaram se 70 contos!
Para uma cidade de funcionarios publicos, de empregados no commercio, de gente que vive de seu jornal ou de seu ordenado mental, de pobretões enfim, aquella quantia representa uma soma voltuosa.

Ao que parece, os gastos com os apetrechos carnavalescos tais como bisnagas, lança-perfume, confetes, serpentinas e fantasias eram consideráveis tendo em vista o parco rendimento da classe média local, composta em sua maioria de funcionários públicos e pequenos comerciantes. Mas o sacrifício financeiro era recompensado pela sensação de estarem participando de uma festa civilizada, tais quais as que se davam na Europa e na própria cidade do Rio de Janeiro. A exemplo desses funcionários públicos citados pelo autor, muitos outros cidadãos seriam influenciados pelos gostos e costumes das elites urbanas. Brincar o carnaval à moda moderna seria uma concretização do desejo de boa parte da sociedade natalense, de viver ativamente os novos ritmos e costumes dos grandes centros urbanos da Europa e do Brasil.

Alguns natalenses progressistas e ávidos de novidades viveram a experiência da festa de *Mi Câreme* na França ou experimentaram os bailes de máscara e desfiles de curso cariocas e desejavam importar esses ritos dos dias gordos para uma Natal que se queria fazer moderna. E muitos foliões que nunca haviam deixado a capital potiguar incorporaram esse modelo estrangeiro com todo gosto, ao que mostra o nosso cronista João Eça:

E Natal, boqueja se por ahi além, quer festejar a *Mi Câreme*, que é como quem diz, quer fazer segundo Carnaval.

Ha, entre nós, uma população que se diverte, influenciada, talvez, e sob o influxo do exemplo de gente de gosto apurado, gente viajada e conhecedora dos costumes e habitos de outros pontos. (A REPUBLICA, 1923)

Na cidade moderna, onde existiam espaços específicos e ordenados para suas sociabilidades o rei momo não era igual para todos. Os gastos com confetes, serpentinas e senhas de bailes eram consideráveis, e uma boa parte da população não poderia dar-se ao luxo de transformar seus soldos em papeis picados, plumas e paetês. Em sua coluna intitulada *Coisas da terra*, o jornalista Manuel Dantas, que aqui nos escreve sob o pseudônimo de Brás Contente, chama atenção da população para a ilusão de democracia que mascarava os festejos carnavalescos:

O carnaval é a folia, a loucura, a nivelação das classes, [...] a festa popular por excellencia, que satisfaz a todos os gostos e é acesível a todos os bolsos, desde a cuia d'agua, o filhó com mel de rapadura até o

baile á fantasia, os prestitos sumptuosos e as "batalhas", incruentas, é certo, porem consumidoras de dinheiro e de energia como as mais renhidas que se feriam na grande conflagração, a *tanks*, granadas e canhões. [...] é bem possível que por entre os prestitos garbosos, ou numa refrega das batalhas de confetti, veja-se, ao lado de quem se diverte loucamente, desperdiçando o seu dinheiro, essas mulheres tristes e esfarrapadas, carregando crianças nuas que se debatem contra a morte. [...] Bem mais proveitoso, talvez, seria si tudo quanto vamos gastar no carnaval, mesmo até um pouco mais de nossas economias, fosse empregado em roupas e viveres para a população miserável e faminta que bate diariamente ás nossas portas, implorando uma esmola.

A fala de Dantas nos remete a questões interessantes: a marginalização de camadas populares em relação às práticas urbanas das elites. Como foi dito anteriormente pouco podemos dizer a respeito da população mais pobre de Natal, pois poucos e vagos são os registros de suas vidas. A imprensa, em raros momentos, nos proporciona a descoberta de alguns ecos que resistiram ao tempo, trazendo à tona de forma incipiente, quase acidental, as vozes desses potiguares. Portanto, em frestas como essa fornecida pelo cronista Braz Contente, nos permitindo imaginar que a Belle Époque natalense estaria carregada de elementos pitorescos, que pouco se relacionavam com o ideal de uma cidade civilizada, sonhada por boa parte das elites locais.

O carnaval é uma consagrada festa popular que, desde o seu princípio, como o entrudo, envolve todas as camadas da população. Todavia, com as alterações dos seus antigos padrões para o chamado carnaval civilizado, vemos crescer um abismo entre a folia das elites e a dos populares. As razões de ordem pecuniárias são as mais aparentes, mas a persistência de muitos populares em continuar a levar a frente algumas antigas tradições do entrudo incomodou a muitos, ainda na década de 1910. Como notamos pelo tom de desprezo que o jornalista d'*A Republica* emprega ao comentar a festa: "O carnaval de 1910 ainda não teve precedentes no Rio Grande do Norte. Os papangús dos annos passados já foram quase totalmente substituídos por clubs e mascaras decentes, de toilettes características e elegantes". (A REPUBLICA, 1910)

Os bailes exclusivos para sócios do Natal-Club e Therpsiscore, as dispendiosas batalhas de confetes e as proibições das brincadeiras de entrudo, (que, como nos mostrou Dantas, apesar das proibições, insistiam em manter "a cuia d'agua, o filhó com

mel de rapadura”) teciam sobre a cidades carnavais segmentados, os carnavais demarcam na cidade espaços de sociabilidade de diversos grupos sociais, que por ventura se cruzam, como no caso da retirante citada por Braz Contente, que apesar de não estar entregue a folia circulava em meio a um cenário de modernidade forjado pela elite local, na qual elementos não desejados era normalmente desfocados da pauta jornalística, como se passassem despercebidos.

A segmentação do carnaval natalense teve início como vimos anteriormente com a tentativa de parte da elite local de construir em Natal uma imagem de capital moderna, sincronizada com o estilo de vida das principais *urbs* do mundo. Nas festas de carnaval a distinção de espaços destinados aos grupos burgueses era já bem latente na década de 1910. Uma nota do jornal *A Republica*, sobre o carnaval de 1910, sugere um pouco essa segregação de classes: “A rua Vigario Bartholomeu acha-se artisticamente ornamentada e a noite deslumbrará com sua bonita iluminação acetylene. Será, como hontem dissemos, o ponto de actração para o pessoal *smart*.”² (A REPUBLICA, 1910)

Ao estudar o caso carioca, o historiador Nicolau Sevcenko constatou que o carnaval que passava a ser desejado era um carnaval mais ligado às tradições européias, assim como o carnaval veneziano com seus arlequins, columbinas e pierrôs. Já o carnaval ligado às antigas tradições passaria a ser julgado indecente, por essas elites reformadoras. (SEVCENKO, 2003:47).

A renovação da cidade, que a deixara com um ar mais moderno, já se faz sentir no carnaval do ano de 1909, quando os bondes puxados a burros da companhia Ferro Carril transportavam os foliões para os dois bairros onde as festas ocorriam, dando uma idéia do volume de gente que brincava o carnaval. Os recém inaugurados bondes em conjunto com os novos edifícios e jardins que surgiam ao longo dos principais bairros, ajudavam a compor uma imagem de modernidade e progresso desejada pelas elites locais. Portanto, chegar ao clube de bonde era mais do que uma simples escolha de locomoção, ao subir e descer do bonde as elites natalenses desse período estavam experimentando, vivenciando a chegada de um novo tempo; o tempo da modernidade. (COSTA, 1998:112) Os bondes representavam a eficiência e a velocidade nos

² A variação da palavra inglesa *smart* presente na nota era usada pelos brasileiros do início do século como sinônimo de estilo e distinção, tal como a palavra francesa “*chic*”..

transportes públicos, mesmo que a realidade não correspondesse a esses valores, como mostra a piada de um cronista local:

- Ó seu conductor, a que horas o bond chegará no Prado³?
- Depende dos pregos
- Quantos pregos costuma dar?
- Conforme a paciência dos burros e a harmonia dos conductores e cocheiros (A REPUBLICA, 1909)

Apesar das intempéries causadas pelos burros as imagens de inovação técnica e progresso prevaleceram. Em 1910 foi solicitado à companhia de bondes Ferro Carril o “aumento do número de carros do serviço, durante os três dias de carnaval”. (A REPUBLICA, 1910) Além de transportarem os foliões, alguns bondes especiais transportaram animados clubes carnavalescos pelas ruas da cidade.

CLUBES E CORSOS: O CARNAVAL DAS ELITES NATALENSES

Os clubes e os cafés protagonizam a mudança nas formas de sociabilidade na cidade moderna, criando espaços fechados de convívio e entretenimento das elites natalenses. Dentro desses ambientes uma linha tênue separa o público do privado, pois esses estabelecimentos constituíam como um espaço público por se instituir num recinto fora do domínio doméstico, onde muitas pessoas conviviam. Mas esse caráter público não implica a entrada de qualquer pessoa, já que para ter ingresso nos salões do clube era necessário ser membro do mesmo. De acordo com os estatutos de cada clube eram estipuladas as normas de conduta e requisitos necessários aos candidatos a sócios. Na maioria das vezes além de requerer certa posse, os clubes exigiam o uso de vestimentas e condutas específicas dos seus associados, sob pena de serem desvinculados das instituições. Desse modo, o clube representava para essas elites urbanas um espaço de convívio digno de si, onde mulheres e crianças poderiam participar ativamente da vida social da cidade sem o receio de serem corrompidas pelos maus costumes e vícios que circulavam mais facilmente nas ruas.

³ Na primeira década do século XX o recém inaugurado bairro da Cidade Nova era comumente chamado de Prado, por lá ser a sede do clube de corridas de cavalo, o *Prado Natalense*.

Os clubes e associações fazem parte das novas formas de convívio da modernidade, nas quais freqüentavam esses ambientes indivíduos que pertenciam a um mesmo grupo social, regidos por códigos de conduta e ética escritos. A historiadora Rita de Cássia comenta que nos salões dos bailes promovidos pelos clubes e associações do Recife havia uma polícia de sala, que nada mais era do que a pessoa encarregada de fazer cumprir o regulamento interno, das agremiações. (ARAÚJO, 1992).

Tendo-se em vista a natureza desses estabelecimentos, não seria difícil entender que foram nos clubes sociais que as elites conseguiram levar a festa dos dias gordos aos padrões de civilidade e glamour que esses grupos buscavam para si. As festas carnavalescas dos clubes natalenses, portanto, podem ser lidas como a expressão do desejo de uma parcela da população local.

As festas de maior prestígio dos clubes eram os bailes de fantasia, ou bailes de máscaras. Uma tradição que se principiou na França e que encontrou na corte brasileira fiéis seguidores. Os registros sobre a chegada dessa modalidade de festejo no Brasil datam da década de 1840. Implantados pelas elites, os bailes pretendiam “trazer os ares de modernidade aos dias carnavalescos no Brasil”. Todavia, a tarefa de descaracterizar a festa mais popular do país não seria tarefa fácil: mesmo entre os próprios freqüentadores dos bailes mais sofisticados havia pequenas resistências, como por exemplo, a utilização de alguns acessórios tais como lima de cheiro e bisnagas, apetrechos do antigo entrudo que continuaram adentrando os salões no século XIX. (FERREIRA, 2004:114).

Desde sua inauguração, em 1906, o Natal Club se constitui como o clube social de maior prestígio da cidade, situação que só seria invertida em 1928, com a inauguração do Aero-Club no bairro do Tyrol. Sendo esta a mais bem conceituada sociedade destinada a abrigar os mais sofisticados eventos sociais das elites locais, não era de se estranhar que fossem os seus salões o abrigo das *soirées* mais comentadas pela imprensa local. O glamour dos bailes do Natal-Club, contudo era privilégio de poucos, uma vez que, para adentrar os salões e fazer parte da festa era preciso ser membro efetivo do clube e manter as mensalidades em dia. Além desses primeiros requisitos, os foliões deveriam obedecer às normas da instituição, que além

de padronizar as condutas admitidas dentro do salão, regravava também os trajés. Uma olhadela nas notas jornalísticas sobre os carnavais dos clubes nos permite perceber a imposição desses pequenos regulamentos aos sócios:

Informam nos que as phantasias nessa festa não serão a rigor, mas certamente as gentis senhoritas saberão, com toilettes bizarras e adequadas, prestar ao Momo as homenagens devidas (A REPUBLICA, 1919)

Cinco anos depois, a diretoria continuava expondo as condições de entrada e normas de conduta necessárias aos que pretendiam comemorar o carnaval no clube:

Em reunião realizada ante-hontem, a directoria do "Natal-Club" resolveu entre outros assumptos, não permittir ingresso para o baile á phantasia que terá lugar no dia 1º de Março proximo, ás pessoas que não comparecerem phantasiadas ou trajando a rigor. Será obrigatória a apresentação do convite [...] sendo obsequio não comparecer quem não tiver sido convidado. Os convites são intransferiveis. (A REPUBLICA, 1924)

Do fragmento acima é interessante observar o apelo da diretoria do Natal-Club aos seus sócios no sentido de não transferir seus convites. O que nos leva a crer que a entrada de não-sócios estaria restrita aos funcionários, músicos e jornaleiros que prestassem serviço ao clube. Possivelmente a intenção da administração era evitar a entrada de pessoas tidas como pouco civilizadas, que agissem de maneira não coerente com a imagem de distinção que se buscava perpetuar na figura do Natal-Club. A entrada de indivíduos, mesmo sócios, não caracterizados ou vestidos de modo inadequado também seria vetada, visto que esse tipo de procedimento dos convidados viria a descaracterizar a composição da festa além de ameaçar o regimento do código de postura do estabelecimento. Para a direção da casa; o carnaval, apesar de famoso pelo relaxamento dos rigores sociais, não seria motivo para negligência dos seus sócios foliões, no que diz respeito as suas condutas e vestimentas.

Entretanto a imprensa local indica que nem sempre as regras, tão rigidamente impostas pelas diretorias dos clubes, eram rigorosamente cumpridas. Em comentário sobre os passados festejos organizados pelo Natal-Club o jornalista afirmou o bom funcionamento da festa. Apesar ter percebido alguns excessos cometidos por alguns,

assim confirmando a existência de pequenos deslizes, como a entrada de cavalheiros no banheiro feminino. Por fim, comentou que sem prejuízo ao glamour da festa:

advertências de sócios bastaram para corrigir a distração de alguns cavalheiros que, tratando-se de uma festa de carnaval, suppunham temporariamente revogada esta lei que figura em todos os códigos das sociedades de dança: a toilette das senhoras é um lugar defeso ao homem que, seja qual for o motivo não pode lá penetrar. (A REPUBLICA, 1923)

Para as elites locais o Natal-Club era um modelo de agremiação. O cuidado dos seus sócios com a manutenção da ordem, mesmo em dias consagrados aos excessos, como nos dias gordos do carnaval, trazia o reconhecimento de homens viajados, habituados com a agitada vida social de cidades com Rio de Janeiro, Buenos Aires, Paris e Nova Iorque. A vida social de Natal estava muito distante da diversidade e efervescência dos grandes centros, modelos da força transformadora do progresso, o que talvez contribuisse no florescimento do desejo coletivo de fazer do Natal-Club uma agremiação exemplar. Nas palavras do editorial *d'A Republica*:

aquella distincta associação que já conta com a sympathia de toda a cidade sabe imprimir ás suas festas em um cunho todo especial de modo a attrahir para os seus salões, toda vez que uma festa annuncia, o que de mais selecto possui o nosso meio social, além de despertar em todos uma grande curiosidade, de modo a reunir nas immediações do nosso prédio onde se realizaram as encantadoras reuniões serenos colossaes jamais vistos. (A REPUBLICA)

Ao que parece, as festas do Natal-Club também despertaram o interesse de outros, que não os seus sócios e convidados. Estes outros natalenses, não pertencentes ao grupo de frequentadores da elegante agremiação, assistiam curiosos, a montagem das decorações, a iluminação elétrica reforçada e a movimentação de pessoas a entrar e sair com suas luxuosas fantasias de carnaval.

Além do Natal-Club outras sociedades trabalharam em prol da organização do carnaval “civilizado” durante os anos de 1910 e 1920, como era o caso do Therpsycore Club, do Centro Náutico Potengy e América Foot Club. Havia também outros pequenos grêmios que tinham como objetivo único à realização dos festejos de carnaval, eram as

chamadas sociedades carnavalescas. Essas se organizavam de maneira parecida com os clubes sociais; contando com uma diretoria, com a colaboração pecuniária dos sócios e com normas estabelecidas em estatutos. Muitas dessas eram fundadas por jovens estudantes, algumas até tinham sede própria, mas em geral tinham vida efêmera.

As pequenas sociedades carnavalescas, ao se multiplicarem nas ruas, faziam uma grande festa. A maior parte desses grêmios organizava cursos, préstitos, zé pereira, assaltos e bailes à fantasia. Os cursos geralmente se davam na avenida Tavares de Lyra, quando os sócios dos clubes, em carros de passeio, e algumas vezes em bondes ornamentados desfilavam pela avenida, jogando confetes e serpentinas uns contra os outros, nas chamadas batalhas de confetes. Para Felipe Ferreira; “o curso era um excelente momento de socialização para a burguesia, permitindo o contato entre famílias, mas mantendo uma digna separação física entre as partes” (FERREIRA, 2004:237) Ou seja, no carnaval moderno ao mesmo tempo em que a família tinha mais liberdade de sair à rua, ela não estava à deriva na multidão. As organizações dos cursos e préstitos feitos pelas sociedades carnavalescas permitiam a separação dos corpos. Desse modo, protegidas dentro dos bondes e carros, as distintas famílias das elites natalenses poderiam se sentir parte da folia de rua.

O Zé Pereira, brincadeira de carnaval que teve início ainda no período do Império fazia enorme algazarra e animava os natalenses no primeiro dia de carnaval. A pândega consistia na marcha de barulhentos foliões que percorriam as ruas da cidade batendo bumbos, e cantando hinos e marchinhas de carnaval.

Freqüentemente, temas cotidianos de cunho político e/ou social eram abordados pelos blocos de rua. No Zé Pereira organizado pelos sócios do Natal-Club em 1924 foi distribuído um “espirituoso cartaz” que continha vários versinhos humorísticos, tratando de várias temáticas cotidianas, tais como o casamento, a economia e até mesmo a vida pública de alguns dos sócios do clube. (A REPUBLICA, 1924) O tom jocoso também estava no nome dado aos blocos e sociedades carnavalescas, tais como: *caritó*, *lampião*, *está achando ruim?*, *casamento misterioso*, *tenentes do diabo*, *bloco dos fascista*.

Outra prática comum do carnaval organizado eram os famosos “assaltos” às casas dos sócios. A brincadeira consistia-se em paradas pré-estabelecidas, dos cordões e blocos, na casa de alguns dos seus sócios, que distribuíam alimento e bebida aos foliões de passagem, que retribuía com música e dança. No carnaval de 1928 o bloco lampião, “composto por rapazes agueridos e destemidos”, anunciou no jornal um assalto de carnaval. Com bom humor os jovens carnavalescos faziam referência ao problema do cangaço presente na realidade do interior do estado. Utilizando-se do vocabulário policial, o bloco ironiza a incapacidade pública de conter as constantes invasões às fazendas pelos cangaceiros. Desse modo, o bem-humorado bloco advertia que na sexta-feira iria “apoderar-se da residência dos senhores Fernando Pedroza, Oswaldo Medeiros [sic] Dado seu preparo é infalível a Victoria do referido bloco”. (PEDREIRA, 2005:69)

Para os foliões das elites reformadoras, os Zé Pereiras organizados pelas sociedades carnavalescas do século XX eram diferentes das marchas que percorriam de maneira avulsa as ruas da cidade na época do entrudo, já que cada sociedade estabelecia um itinerário completo com ponto de partida e de retorno, além de pedirem permissão ao chefe de polícia para a passagem do bloco, como previa o regulamento de segurança pública.

A festa de rua ganhava nova cara, organizada pelas sociedades carnavalescas ela trás consigo uma dinâmica própria, na qual elementos como postes de iluminação elétrica, veículos ornamentados entre outros enfeites deveriam compor o cenário da festa. No carnaval moderno coexistiam, os repliques dos tambores e batidas dos bumbos com novos ritmos que aqui chegaram impulsionados pelas indústrias cinematográfica e fonográfica, adicionando aos festejos os sons da modernidade. De acordo com o programa musical do baile de carnaval do Natal-Club de 1919, já era possível a convivência de antigas melodias, como a valsa e a quadrilha com os frenéticos: *rag-time*, *fox-trot*, *one step*, *two steps* e o sensual *tango*. (A REPUBLICA, 1919). A multiplicidade de ritmos e sons casava-se com o dinamismo da cidade moderna. A juventude ativa foi a primeira a incorporar esses novos compassos que regiam a *urbs*. Foram os jovens, ávidos por novas diversões, que no baile de carnaval de 1921 “divertiram-se e dançaram aquilo que nem pelo nome conheciam. Outros pares

que não podiam mais curvar a espinha, nem flexionar o joelho para diante e para traz [...] ficavam de observação, esperando que o furor passasse”. (A REPUBLICA, 1921). A dança que vinha de longe poderia não ter nome fácil, mas adequava-se muito bem ao dinamismo, a velocidade e as sensibilidades urbanas do pós-guerra, assim a mocidade natalense vê a expressão da juventude ganhar espaço nos salões enquanto os outros esperam arredios que o “furor passasse”. (SEVCENKO, 2003)

No quadro de transformações sociais que as elites natalenses tentavam impor à população, o carnaval aparece de maneira clara como uma festa popular que foi apropriada, no intuito de transformar uma festa popular em um símbolo de cidade moderna. O caso do carnaval não é isolado. Ao tentar distinguir o civilizado do selvagem, o moderno do arcaico, a elite letrada vai questionar práticas populares do início do século XX, tentando defini-las, classificá-las, no intuito de padronizar a formas de sociabilidade urbana na cidade de Natal, inserindo-a no modelo de civilidade almejado para si.

Quando em abril de 1929 o colunista da revista *Cigarra* comentava o sucesso do carnaval daquele ano, parecia não mais recordar das antigas brincadeiras de farinha e água. O carnaval civilizara-se, acompanhando os novos ritmos da vida moderna, mas sem apagar a sua essência do riso, da permissividade, da embriaguez:

Assim foi o carnaval deste anno. Assim foram os outros, cheios de palhaços, de pierrots, de arlequins e corso. O perfume, a carícia da sêda de um leque o beijo que ninguem viu mas que teve o calor de uma labareda... Nisto resume o Carnaval. Agora opera de aviões e de fords velozes - o carnaval não mudou. O deste anno, pelo menos aqui, [sic] um riso de quatro dias e quatro noites porque foi em muitas horas que Natal se embriagou gostosamente de ether. (CIGARRA, 1929:2)

O Carnaval modernizara-se assim como a cidade, que incorporara novas sensibilidades, novos ritmos, sons e gestos. Viviam-se outros tempos, no qual a imagem do antigo entrudo fazia parte da memória dos antigos e da saudade dos folcloristas. Enquanto todos se orgulhavam dos aviões e dos eventos sociais do mais novo clube das elites locais o mais célebre folclorista norte-riograndense Câmara Cascudo relembra nas páginas do jornal *A República* as antigas tradições que não

tinham mais lugar no Cais da Europa⁴: “Os bailes de clubs e passeios vagarosos e passeios vagarosos de auto mataram o Entrudo patuscador e o Carnaval de antanho”. (CASCUDO, 2005:129).

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade*. Natal: EDUFRN, 2008.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do Prazer: A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascaradas e frevo no carnaval do Recife*. 1992. 440 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- UFPE. Recife, [1992].

CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem*. Raimundo Arrais (Org.). Natal: EDUFRN, 2005.

CASTRICIANO, Henrique. *Seleção: textos e poesia*. José Geraldo de Albuquerque (Org). v. 2 , 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*. 1998. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) UFRN. Natal, [1998].

⁴ Cais da Europa foi a expressão utilizada nos anos 1920 para denominar Natal, em referencia a sua privilegiada localização para pousos e decolagem de vôos que atravessavam o Atlântico, sendo Natal a primeira parada dos aviadores que vinham da Europa para o Brasil.

COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos de 1920*. 2003. 320f. Tese (Doutorado em História) – UFPE. Recife, [2003].

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FERREIRA, Felipe. *O livro de Ouro do Carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal 1920-1945*. Natal: EDUFRN, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____, *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.

FONTES

A REPUBLICA, 1890-1929.

CIGARRA, 1929.

GAZETA DO COMMERCIO, 1902.

Como citar este artigo

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. A civilização do Deus Momo: carnaval e modernização na cidade de Natal. **Rev. Espacialidades** [online]. 2008, vol. 1, no. 0, 23p.